

O DESIGN DE INTERIORES E A CENOGRAFIA: RELAÇÃO E ANÁLISE PLÁSTICA DO ESPAÇO HABITADO

Anderson Diego da S. Almeida¹

RESUMO

O conjunto das estruturas e de todos os cenários deve formar uma quadro que corresponda às leis da harmonia, assim como um obra pictória. Portanto, exige-se cada vez mais que a cenografia seja tratada como uma composição plástica (HOFMAN apud. RATTO, 2001, p. 38). Este artigo visa descrever os cenários dos espetáculos “Mix”, “Rota” e “Casa” da Cia de Dança Deborah Colker, sob os aspectos plásticos, cenografia e a relação desses cenários com o design de interiores.

Palavras-chave: cenografia, design de interiores, plasticidade

1. Introdução

A primeira impressão que o público tem de uma apresentação teatral, seja em palcos convencionais ou em espaços alternativos, é a composição do espaço cênico. Quando a plateia adentra um espaço de apresentação teatral ou quando a cortina se abre, a primeira percepção da identidade do trabalho é estabelecida através da captação visual do aparato cênico. Para Silva (2007, p.21), em frente ao público,

[...] estão só elementos que vão definir o espaço e, muitas vezes, o tempo da ação, seja de forma realística ou simbólica. Como se fosse uma pintura onde os personagens irão atuar, o interior do espaço cênico, a iluminação, bem como a escolha e a manipulação de objetos e outros recursos, são elementos que vão propiciar a identificação e contato entre palco e platéia

A função dos cenários da Cia. de Dança Deborah Colker, em suas composições, é elucidar e identificar visualmente a ação num ambiente que trará significado aos elementos dramáticos do trabalho escolhido, enfatizando assim o tema, o enredo, o conceito e o ambiente emocional. Urssi (2006)

¹ Licenciado em Teatro pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL e Design de Interiores pelo Instituto Federal de Alagoas – IFAL. Atua como professor de Concepção e Projeto de Vitrines Escola Técnica de Artes – ETA/UFAL. andersondiego.almeida@yahoo.com.br

comenta que, como primeiro elemento da representação teatral, o homem cria o espaço cênico e enriquece com o uso de signos ora verbais, ora cênicos, táteis e sonoros. Assim, o espetáculo constrói um ambiente, gênese de uma cadeia infinita de significados, onde o espectador recebe, simultaneamente, diversos tipos de informações vindas do cenário, da iluminação, do figurino, dos gestos e da fala.

Este artigo vem analisar três cenários dos espetáculos “Mix”, “Rota” e “Casa”, realizados pela Cia. citada anteriormente. Classificando e Discute a composição dos espaços e a ideia da ambientação usada para compor a plasticidade das cenas, a partir dos elementos de composição que mais predominam na escrita da cena como Mix: o espaço e o ritmo, Rota: as linhas e o equilíbrio e Casa: a forma e a proporção. Com isso, mostra que o projeto do designer de interiores para a criação de um cenário é de grande importância na percepção técnica do espaço projetado no teatro, ao mesmo tempo ele, o designer, busca referências e características dos estilos cenográficos para a realização da composição de seus projetos feitos em casas, apartamentos, hotéis, galerias, cinemas, restaurantes, entre outros.

2. Cenografia e a plasticidade do espaço

Com perspectiva do projeto cenográfico, podem-se analisar os ambientes, de acordo com os conceitos de plásticas que contemplam a percepção primeira para poder analisar o espaço como um todo, ou seja, é preciso entender que uma sala, quarto, banheiro, cozinha, cada um possui um significado que o designer conceitua, quando realiza o projeto e nele aplica um olhar voltado para a composição que vai definir seu estilo, sua intenção, a função, e, o mais importante, a necessidade buscada com o projeto para atender o cliente. Para Ching e Binggeli (2006, p.128), a arquitetura de interiores

[...] envolve a seleção de elementos de projetos de interiores e seu arranjo dentro de um fechamento espacial, de modo a satisfazer certas necessidades e desejos funcionais e estéticos. Essa distribuição de elementos em um espaço inclui o ato de se estabelecer padrões. Nenhuma parte ou elemento único em um espaço está sozinho. Em um padrão de projeto, todas as partes, elementos ou peças dependem uns dos outros para impacto visual, função e significado [...]

O significado da composição, forma, linha, textura, luz e cor, também os princípios que compõe o equilíbrio, ritmo, harmonia, unidade, escala, proporção, contraste, ênfase e variedade irão ser o olhar visual para a análise da ambientação, e justificá-la de acordo com a plasticidade que a desenha. É importante ressaltar que uma composição se dar através do estilo e da maneira pela qual o designer quer seguir, seja ele clássico ou contemporâneo, para que a perspectiva do projeto esteja de acordo com os elementos e os princípios do design, já citados.



Figura 1: Ambientação: Estilo Clássico e Estilo Contemporâneo
Fonte: SILVA; LIRA, 2008

Aqui se coloca o olhar para os espaços residenciais, analisando o design de interiores sob a ideia da visualidade que faz parte dos projetos de interiores. Onde a referida análise partirá dos princípios compositivos dos cenários da Cia. de Dança Deborah Colker, e será transmitida à ambientação de espaços diversos que fazem parte do dia a dia de pessoas que atuam através de atividades diversas como aspectos do cotidiano, o descansar, o comer e o dormir. Assim, os aspectos estéticos que objetivam o conforto visual do usuário em busca de uma organização harmônica e criativa do espaço, tornarão também aspectos psicológicos e subjetivos que, quando aplicados de forma correta, podem auxiliar na estabilidade psíquica ao usuário e, também, técnicos e físicos como a ergonomia, antropometria, circulação, acústica, luminotécnica e o conforto térmico.

2.1 MIX: O ESPAÇO E O RITMO

O espetáculo MIX foi especialmente concebido para a 6º Bienal de Dança de Lyon, na França, em 1996. Seu enredo junta os sentimentos de

paixão, ironia e a elegância de um desfile; a reflexão sobre o princípio do movimento esboçado em máquinas e largamente desenvolvido em mecânica e movimentos instalados em cotidiano e no balé verticalizado (COLKER, on-line).

A estrutura cenográfica está associada a uma composição, como vista nas figuras abaixo, em piso e parede, onde o espaço é projetado sem muitos adereços, para que prevaleçam os movimentos e, principalmente, os corpos dos bailarinos. Contudo, a estética se diferencia numa perspectiva onde o jogo se faz em espaço e ritmo.



Figura 2: Cena inicial e 2º ato de Mix
Fonte: COLKER, on-line

O espaço, para Dondis (apud GOMES FILHO, 2003), é captado através da informação visual de muitas maneiras, do ato de permanecer em pé, de mover-se e reagir à luz, como o que é visto em Mix: o espaço reagindo às ações e aos estímulos do corpo. Assim vai ganhando uma dimensão cenográfica capaz de estimular o olhar pictórico, sobre uma tela que se percebe em movimento. Assim, Dondis (1997, p. 160) ainda acrescenta que,

em todo esforço compositivo, as técnicas visuais sobrepõem-se ao significado e o reforçam; em conjunto, oferecem ao artista e ao leigo os meios mais eficazes de criar e compreender a comunicação visual expressiva, na busca de uma linguagem visual universal

Sobre o espaço Ostrower (1991, p. 37), menciona que a experiência que se fez primeira, na necessária recorrência e constante atualidade,

a percepção do espaço não é restrita à individualidade e nem mesmo a certas culturas. Através de nossa sensação de estarmos contidos num espaço e de o contermos dentro de nós, de ocuparmos e transpormos, de nele nos desequilibrarmos e reequilibrarmos para viver, o espaço constitui o único mediador que temos entre nossa experiência subjetiva e a conscientização dessa experiência. Tudo aquilo que nos afeta intimamente, em termos de vida, precisa assumir uma imagem espacial para poder chegar ao nosso consciente. E, do mesmo modo, tudo que queremos comunicar sobre valores de vida traduzimos em imagem de espaço

O espaço é quem determina o que a cenografia e a ambientação vão ser, mas não limita as condições de uma dinâmica criativa de projeto e composição. Assim, espaços serão os pontos de partida para um projeto capaz de trabalhar e direcionar as sensações para dentro da proposta elaborada pelo design de interiores. Para Mancuso (2008, p. 61), “espaço/momento faz nossa proposta parecer efêmera, pois, quando se modela um espaço, modela-se para uso e desfrute de pessoas, e estas são criaturas extremamente dinâmicas; conseqüentemente, suas necessidades também o são”.

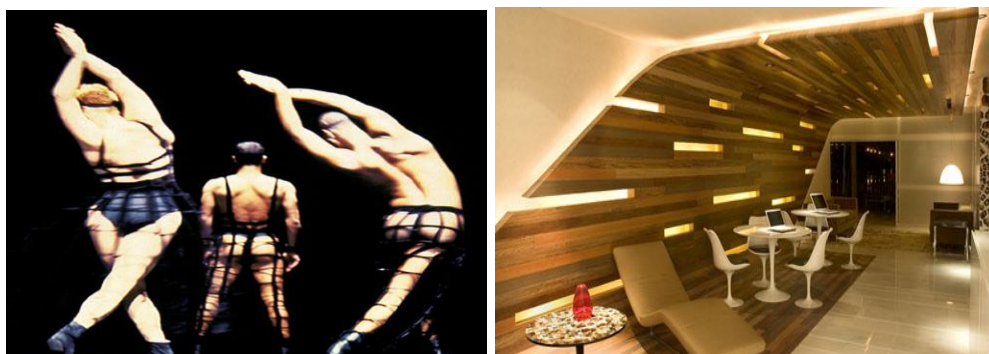


Figura 3: Ritmo no corpo e no espaço
Fonte: COLKER, on-line; LIRA, 2008

Percebe-se o equilíbrio que o espaço proporciona ao projeto, com a peculiaridade de cada acessório colocado sobre uma determinada posição, onde proporciona uma sutileza e conceituação de formas, texturas, luzes e sombras. Entretanto, é necessário entender que, além de o espaço determinar um projeto, é preciso perceber o ritmo como se comporta esse espaço e as coisas que estão contidas nele. Ching e Binggeli (2006, p. 148) afirmam que “o ritmo visual é mais facilmente reconhecido quando a repetição forma um padrão linear. Dentro de um interior, contudo, sequências não lineares de

forma, cor e textura podem criar ritmos mais sutis que, talvez, não sejam imediatamente óbvios aos olhos”. Os autores (2006, p. 149) mencionam que o ritmo visual

também pode se referir ao movimento de nossos corpos à medida que avançamos através de uma sequência de espaços. O ritmo incorpora a noção fundamental de repetição como um recurso para organizar formas e espaços na arquitetura, onde vigas e colunas se repetem para formar vãos estruturais e módulos espaciais

Assim, pode-se perceber que todo o espaço possui seu próprio ritmo e este pode ser modificado e elaborado através do projeto de interiores, o qual ganha um novo movimento e revela-se através das formas.



Figura 4: Ritmo na composição
Fonte: SILVA; LIRA, 2008

O ambiente explicitado na figura 4 mostra o quanto os acessórios criam o ritmo, mostrando que a colocação das peças nos dois ambientes são estudadas de acordo com o conceito elaborado pelo projetista, em um ritmo que parte da modulação; um espaço retangular que dita também o desenho do mobiliário e, no outro, a sobreposição da tela ao fundo, com o tapete, luminária e o sofá. Todos com a perspectiva da composição baseada no olhar cenográfico e que parte da ideia de um cliente-ator-usuário, o qual será palco para a demonstração de sentimento, emoções e movimentos corporais buscados no espetáculo Mix através do espaço e do ritmo.



Figura 5: A composição e o ritmo no espaço
Fonte: COLKER, on-line; SILVA; LIRA, 2008

O olhar da cenografia teatral sobre o design de interiores proporciona uma nova estética, capaz de traduzir o espaço ideal para múltiplas e experimentais relações entre elementos visuais que o designer obterá, através de uma maior liberdade, diversidade e precisão de opções compositivas e criativas.

2.2 ROTA: AS LINHAS E O EQUILÍBRIO

Rota foi um dos primeiros espetáculos criados pelo designer brasileiro Gringo Cardia. Nele, o grupo de bailarinos gira em roda-gigante executada em estrutura metálica, posicionada no centro do palco. Através da simplicidade formal, a ênfase visual da cenografia recai sobre os movimentos involuntários dos bailarinos.



Figura 6: 1º e 2º atos de Rota
Fonte: COLKER, on-line

No cenário, veem-se linhas, círculos e mapas. Possibilidades de caminhos e descobrimentos. A exploração de vários planos e níveis e uma

intensa ocupação integral do espaço. A roda, vista na figura 6, é o elemento cênico de maior estrutura. É inspirada nos parques de diversões e na rotação da terra (COLKER, on-line). Todos os movimentos dentro e fora da roda buscam a ideia da circularidade: fluxo contínuo e simples.

As linhas do estágio inicial de Rota oferecem oportunidade a uma grande variedade de ritmos, buscado nos riscos do piso e no desenho do figurino. Trata-se de uma composição detalhada buscada no equilíbrio e na harmonia entre espaço e corpo. Em virtude da multidirecionalidade do ambiente, as linhas podem assumir flexões praticamente infinitas, de sorte a permitir uma grande variação no fluir da sequência rítmica.

Percebe-se a harmonia entre as linhas, em que o efeito visual proposto pelo projeto é alcançado através de um estado no qual, segundo Gomes Filho (2003, p. 54), “as forças, agindo sobre um corpo se recompensam mutuamente”. Assim, ao ler a cenografia do espetáculo Rota, entende-se o design de interiores estruturado em uma concepção técnica, através dos elementos visuais e da plasticidade. Esta é que é fator preponderante para a criação e execução de uma ideia. Assim, torna-se um desafio para os profissionais de design, atuando como cenógrafos, compor e conceituar esses espaços teatrais e projetá-los sob a perspectiva de interiores.

A plasticidade do cenário, as linhas, a roda e o equilíbrio entre corpo, movimento e espaço remetem aos cenários do estilo futurista, onde a cenografia tornava o espetáculo, através de efeitos cromáticos, puro ritmo e movimento (CARLSON, 1997).



Figuras 7: 1º e 2º ato de Rota
Fonte: COLKER, on-line

Pode-se analisar ambientes de casas com a mesma ideia do espaço projetado pelo designer Gringo Cardia, observando os detalhes que compõem a ambientação e analisando os recursos utilizados para a realização do interior. Pois, com a mesma estrutura de unificação entre as linhas e o equilíbrio de um espaço ambientado, vê-se que os espaços sofrem uma alteração conceitual causada pela intenção do designer. O projeto de interiores, em sua plasticidade, compõe-se de linhas que estimulam e criam equilíbrio visual capaz de trabalhar com as sensações das pessoas e dar movimento ao ambiente, dentro da perspectiva cenográfica.



Figura 8: Equilíbrio entre espaço e mobiliários e entre espaço e cor
Fonte: SILVA; LIRA, 2008

O equilíbrio dos ambientes, como mostra a figura 8, se dá pela colocação de cada peça que compõe o espaço, ou seja, cada unidade que determina um sentido no conceito final do projeto. Para Gomes Filho (2003, p. 29),

as unidades podem ser agregadas ou percebidas dentro de um todo por meio de diversos elementos como: pontos, linhas, planos, volumes, cores, sombras, brilhos, texturas e outros, isolados ou combinados entre si

Como é percebido nos ambientes das figuras precedentes, onde a composição é feita por elementos que vão caracterizando um determinado estilo, e, contudo, equilibrar o espaço através da distribuição do mobiliário e dos adereços.

As linhas também devem ser percebidas dentro do design de interiores, as quais podem dar ao espaço simplicidade; torná-lo óbvio e também estável.

Dão movimento, causam inquietação, suavidade, amplitude e continuidade (MANCUSO, 2008).

As figuras subsequentes mostram as linhas colocadas no espaço por diversas maneiras, onde priorizam a valorização do desenho e o realce dos elementos. Na primeira figura, percebe-se a verticalidade dando ênfase á distribuição e divisão dos lavatórios, delimitando cada espaço, através de colunas; ao mesmo tempo em que realça também a cor, percebendo na cenografia o contraste entre o tom envelhecido das colunas e a parede preta intercalada entre as linhas, enaltecendo, portanto, as formas e a sobreposição das cubas brancas.



Figura 9: Linhas verticais, curvas e paralelas
Fonte: SILVA; LIRA, 2008

A segunda figura mostra uma versatilidade nas linhas, onde o espaço é favorecido por um olhar mais dinâmico em termos de ênfase e distribuição dos elementos. Percebem-se as linhas verticais, paralelas e curvas. Estas, como já mencionado, tendem a expressar movimentos suaves (CHING; BINGGELI, 2006).

E também podem ser usadas para criar texturas e padrões nas superfícies e formas, no caso do ambiente analisado; as linhas trabalhadas no projeto encontradas no formato do banco, no painel, no desenho da luminária de arco e na distribuição dos adereços colocados em um ritmo específico, onde destacam a luz e o tom verde das paredes.

Como as linhas e o equilíbrio de um espaço de interiores, a cenografia de “Rota” mostra que o corpo no espaço constrói uma concepção visual igualmente como um elemento que compõe um determinado espaço. Como diz

Ching; Binggeli (2006, p. 90), “Devemos continuamente nos esforçar para ver e estar conscientes das características das coisas e como elas se relacionam e interagem para formar a qualidade estética de nossos ambientes visuais”.



Figura 10: Equilíbrio entre os adereços
Fonte: SILVA; LIRA, 2007

O espetáculo composto por diversas linhas, que são usadas simplesmente como instrumentos reguladores para expressar relacionamentos e estabelecer padrões entre elementos de projeto, e equilíbrio tanto do corpo como dos adereços cênicos, se comporta como a unidade cenográfica capaz de trabalhar o objeto cênico a partir da plasticidade do design.

2.3 CASA: A FORMA E A PROPORÇÃO

Em “Casa”, Deborah parte de uma ideia simples, investe nas ações banais para entrar no mundo imaginário e transformá-lo em movimento. Como faz parte do seu processo criativo, o cotidiano é uma fonte de inspiração (COLKER, on-line).

O projeto partiu, também, da análise de uma pergunta: o que se faz em uma casa? A resposta para a concepção do espetáculo foi: comer, dormir, cozinhar, vestir, ver TV, ter insônia, não fazer nada, sonhar. “O grande fascínio é poder falar de um único tema, em um só lugar e sem intervalo, partindo de uma ideia concreta, onde a linha dramática e dinâmica foi sendo desenvolvida junto com as pesquisas de movimentos” (COLKER, on-line).

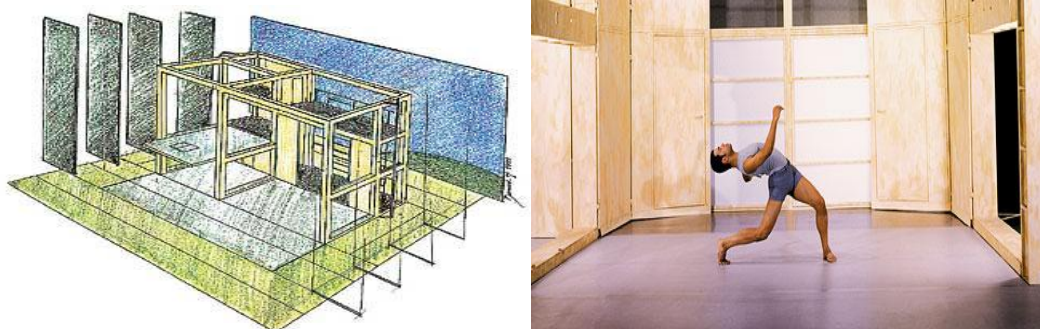


Figura 11: Esboço do projeto "Casa"; A forma e a proporção
Fonte: GRUNOW, 2003; COLKER, on-line

Gringo Cardia, cenógrafo do espetáculo, criou uma casa de três andares, com vários compartimentos. Ele partiu do princípio do homem inserido no interior. Trabalhou com a referência do urbano e teve como norteador de sua inspiração o pintor americano Edward Hopper, que relaciona, em sua obra, o espaço com pessoas (COLKER, on-line).

O projeto de interiores foi concebido a partir de nichos de ocupação, que remetem à interação entre habitação e morador. Para esse cenário, Gringo (apud. GRUNOW, 2003) enfatiza que, em se tratando de dança,

de movimento corporal, é necessário tempo para que as pessoas se acostumem com o espaço físico. Quando o ambiente retrata uma casa, por exemplo, é preciso acostumar-se com a posição da porta com o pé-direito, ou seja, com o espaço em si, de forma que a vivência vai dando mais liberdade à coreografia, melhora as condições de criação

Nesse sentido, em "Casa", o valor cenográfico será de grande importância para o desenvolvimento do espaço, pois os corpos e as formas dos adereços de cena são adaptados de acordo com a antropometria, medidas do homem, para o processo de criação dos movimentos.



Figura 12: Corpo e as formas
Fonte: COLKER, on-line

As formas do espetáculo casa são elaboradas de modo muito linear, onde o desenho do corpo é que dar o movimento ao espaço. Níveis de planos, pés-direitos altos vão integrar corpo, espaço e movimento, através de linhas horizontais que, para Zevi (1978, p. 113),

quando nós, por instinto mimético, seguimos a linha horizontal, percebemos que ela dá o sentido do imanente, do racional, do intelectual. É paralela à terra sobre a qual o homem caminha, acompanha por isso o seu andar; decorre à mesma distância da vista e por isso não dá lugar a ilusões acerca do seu comprimento; seguindo a sua trajetória, encontra-se sempre um obstáculo qualquer que sublinha o seu horizonte

Dentro dessa perspectiva, percebe-se que a dualidade entre cheios e vazios, no caso do cenário mostrado na figura anterior, que as formas sólidas espaciais representam a unidade essencial de opostos que dão forma à realidade da arquitetura de interiores, onde as formas visíveis dão dimensão ao espaço, escala, cor e textura, ao passo que o espaço revela formas, como diz Ching; Binggeli (2006, p. 112), que “esse relacionamento simbiótico entre a forma e o espaço pode ser visto nas diversas escalas da arquitetura de interiores”. Ainda sobre esse aspecto, Gomes Filho (2003, p. 41) menciona que a forma

pode ser definida como a figura ou a imagem do conteúdo. A forma nos informa sobre a natureza da aparência externa do objeto. A percepção da forma é o resultado de uma interação entre o objeto físico e o meio de luz, agindo como transmissor de informação, e as condições e as imagens que prevalecem no sistema nervoso do observador

As formas apresentam uma grande variedade em sua estrutura, podendo ser representadas pelas linhas, cubos, círculos, esferas, elipse e podem ser observados dentro do design de interiores sob o ponto de vista da composição, através da diversidade de elementos que criam a ambientação, através de luminárias, cortinas, quadros, tapetes, poltronas, mesas, abajours, entre tantos outros.



Figura 13: Formas em linhas retas, curvas e em elipse
Fonte: SILVA; LIRA, 2007

Nos ambientes vistos na figura 13, vê-se na primeira figura, que a forma das linhas desenham o ambiente, demarcam o espaço, através do corre-mão, da escada, das colunas e da marcação dos embutidos no teto, ampliando o espaço e proporcionando uma construção diferenciada para o interior. Na segunda, as formas se dão através das linha, mais retas e paralelas; mas também com a elipse que, para Zevi (1978, p. 114), se forem desenvolvidas em torno de dois centros, nunca permitirá que a vista repouse, tornando-a móvel e inquieta, conforme visto na figura citada, através do desenho sob o teto.

Assim como a forma tem melhor utilidade e uso espacial no design de interiores, é preciso que a proporção dos elementos e do espaço seja adequada ao corpo do homem e aos demais componentes que estão relacionados com o espaço. Como diz Ching; Binggeli (2006, p. 132). “no projeto de interiores, estamos preocupados com as relações entre as proporções estabelecidas pelas partes de um elemento de projeto, entre vários elementos de projeto e entre tais elementos e a forma espacial”. E, portanto, consegue-se com a proporcionalidade o equilíbrio e a harmonia, através da

cuidadosa disposição desses elementos, partindo de um projeto muito peculiar e que caracteriza um determinado cliente, ou seja, seu estilo, suas necessidades, seus gostos etc, que são estudados com minúcia, para que a proporção dos mobiliários esteja de acordo com a sua concepção.

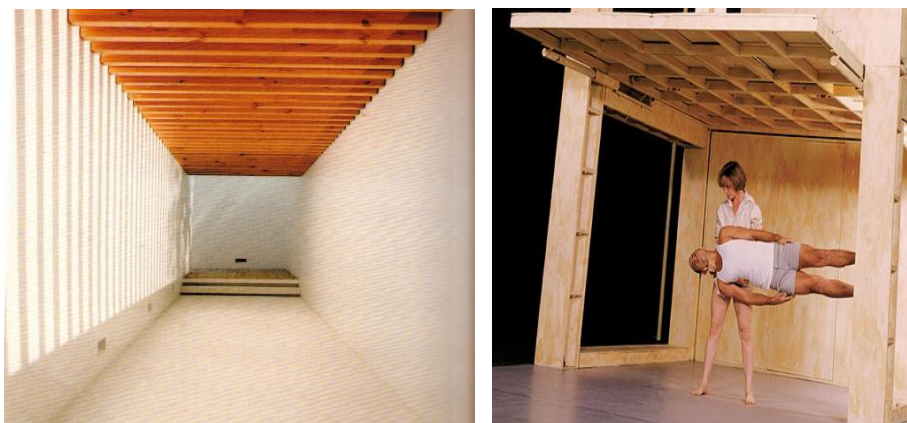


Figura 14: Proporção entre formas, homem e espaço
Fonte: WEINFELD, on-line; COLKER, on-line

O design de interiores, com seu estudo compositivo do espaço, e dele criando formas e proporções bem como o espetáculo “Casa”, com a representação do cotidiano das pessoas. O corpo inserido na sala, no quarto, no banheiro, na cozinha e nos cômodos da casa leva a perspectiva sobre o foco importante do estudo da cenografia, pois para se projetar um cenário, mesmo que se complete por um tempo curto, deve-se levar em consideração toda uma pesquisa sobre a atividade primordialmente projetiva com determinação das propriedades formais e espaciais dos objetos (URSSI, 2006).

Considerações Finais

A cenografia e o design caminham com seu valor conceitual para o ideal de um projeto que preza pelo desenho do espaço, pela percepção e simbologia, onde perpaçam pelos ideais do teatro, da caixa cênica e do fazer metodológico, que une as duas áreas. Assim, entendeu-se que a cenografia não é só a decoração de um palco; é também o pensar em toda estrutura espacial onde as pessoas se movimentarão e onde haverá interação com os objetos nele contidos. E, dentro dessa perspectiva, conceitua-se o projeto de interiores, com o seu olhar projetual voltado para o design, que se vincula ao mesmo modo do fazer cenográfico.

O resultado aqui alcançado é parcial, quando se propõe a análise plástica dos cenários da Cia. Deborah Colker e que constituirá como parte da continuidade da pesquisa sobre a temática em outras ocasiões e integral, quando se verifica que o material descrito servirá como subsídio teórico e imagético para contribuir com futuras pesquisas, nessas áreas do conhecimento.

Referências

CARLSON, Marvin. **Teorias do teatro**. São Paulo: UNESP, 1997.

CHING, Francis D. K; BINGGELI, Corky. **Arquitetura de Interiores Ilustrada**. Porto Alegre: Bookman, 2006.

COLKER, Deborah. Cia de Dança Deborah Colker. Disponível em:

<<http://www.ciadeborahcolker.com.br/inicio/>>. Acesso em: 3 de abr. 2010.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto**: sistema de leitura visual da forma. 5 ed. São Paulo: escrituras editora, 2003.

GRUNOW, Evelise. **A arte da cenografia**. Revista Projeto Design, 2003. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/design/gringo-cardia-cenografia-e-02-2003.html>>. Acesso em: 02 de jul. 2010.

LIRA, Iolita Marques de. **Texturas**. Maceió: LIRA, 2008. 20 slides, color. Acompanha texto.

MANCUSO, Clarice. **Arquitetura de Interiores e decoração: a arte de viver bem**. 7. ed. Porto Alegre; Sulina, 2008

OSTROWER, Fayga. **Universos da arte**. Rio de Janeiro: campinas, 1991.

RATTO, Gianni. **Anti-tratado da cenografia**. São paulo: Senac, 1999.

SILVA, Eliana Rodrigues. **Encenação e cenografia para dança**. Revista Diálogos Possíveis. Bahia. janeiro/julho, 2007, p. 19 – 31.

SILVA, Luís Antônio C; LIRA, Iolita Marques de. **Atelier de Plástica**. Maceió: SILVA; LIRA, 2008. 26 slides, color. Acompanha texto.

URSSI, Nelson José. **A linguagem cenográfica**. Dissertação de mestrado. São Paulo: ECAUSP, 2006.

WEINFELD. Disponível. Disponível em: <<http://www.isayweinfeld.com/site/>>. Acesso em: 05 de jun. 2010.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.